

Reconstrução da memória

Arte Mostra reúne 3 décadas de Valeska Soares. Por **Bruno Yutaka Saito**, de São Paulo

"Valeska Soares: Entrementes"

Pina Estação - largo General Osório, 66, SP, tel. (11) 3335-4990. Qua. a seg., 10h às 17h30. Grátis. Até 22/10 **AA+**

O desejo do homem, disse Jacques Lacan, é o desejo do Outro. Décadas antes, Rimbaud notava que "Eu é um outro". Tentar identificar o desejo corresponde a uma tarefa oceânica como entender quem nós mesmos somos. Com a artista Valeska Soares, essa busca sempre fadada a um certo fracasso ocorre por meio de uma prática repleta de paradoxos.

Com curadoria de Júlia Rebouças, a exposição "Entrementes", na Pina Estação, em São Paulo, abrange os 30 anos de sua carreira e reúne 40 trabalhos que aludem por meio de objetos algo que é pura subjetividade.

Nascida em 1957 em Belo Horizonte e radicada em Nova York desde os anos 90, Valeska tem formação em arquitetura, teve passagem pelo Parque Lage (Rio), expôs na Bienal de Veneza (2005) e desenvolve uma produção que dialoga com nomes como Jac Leirner ou Rivane Neuenschwander. É filha da artista Teresinha Soares, que vem sendo redescoberta; em entrevista à revista inglesa "Frieze", onde é capa da edição deste mês, Valeska conta que a última coisa que desejava na vida era ser artista.

Algo fugidio e invisível como a memória compõe a base de "Epilogue" (2017). A instalação, no entanto, possui itens bem concretos, como mesas de madeira com tampos de espelhos, copos e taças de tamanhos e cores variadas, restos de bebidas. Estamos vendo o dia seguinte de uma festa, ou ao menos restos de uma noite de embriaguez, prazeres e excessos.

Valeska se refere a trabalhos assim como "body work", vestígios de seu corpo. Na mesma sala, "Sugar Blues V" (2013), assemblage de caixas de doce, remete inicialmente à banalidade pop do americano Jeff Koons, para depois se abrir a leituras menos coloridas. Doces foram consumidos, não sem culpa ou compulsões movidas por faltas e vazios, tormentos da solidão e da ansiedade.



ISABELLA MATHEUS/DIVULGAÇÃO

Instalação "Epilogue" (2017) está na exposição de Valeska Soares na Pina Estação

No fim de um buraco, abre-se outro buraco, obras como essa sugerem. Hiatos literais estão nos tapetes de "Ground" (2016), em que figuras geométricas são recortadas, num registro visual que alude ao neoconcretismo, minimalismo e a arte povera. Lacunas representam a essência de "Doubleface" (2018), série de pinturas de terceiros adquiridas em antiquários. São expostas pelo verso, e apenas um pedaço recortado e dobrado revela imagens de mulheres.

Na série "Edit" (2012), o censurado, não dito, faz emergir a mensagem. Valeska utiliza livros como "Fragmentos de um Discurso Amoroso", de Roland Barthes, e sugere que seu trabalho como um todo assemelha-se a um livro, em que o visitante-leitor é instigado, a todo instante, a criar imagens mentais.

Objetos cotidianos, assim como palavras, são índices. Cabe a nós reordená-los e criar a nossa própria gramática. O aceno ao trabalho de corpo,

tão caro aos neoconcretos, pode seduzir o visitante em "Detour" (2002) e "Vagalume" (2007). A experiência não se mostra terapêutica, em busca de cura, e conversa mais com a psicanálise e uma genealogia de história pessoal.

No primeiro, referência a Italo Calvino, o visitante vê-se numa sala de espelhos e tem a imagem despedaçada em reflexos. São ecos do corpo a representar estados psicológicos e vidas vividas. No segundo, o visitante atravessa uma cortina de correntes metálicas que pendem do teto. Cada fio puxado acende ou apaga uma lâmpada, formando desenhos, assim como neurônios estimulados ou não, que acessam ou desligam memórias. O passado, lembra Valeska, não é estático ou prova definitiva. O que aconteceu está sempre sujeito a novas leituras, a depender do momento presente. Nesta dimensão, o trabalho vai além do plano puramente formal ou estético e mostra, quem diria, uma dimensão política atual.

"100 Anos de Athos Bulcão"

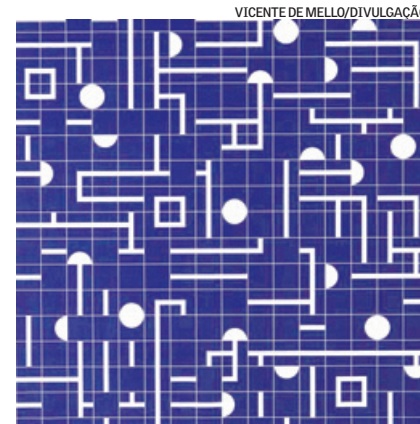
Centro Cultural Banco do Brasil - SP, tel. (11) 3113-3651. Qua. a seg., 9h às 21h. Grátis. Até 15/10. **BBB**

A azulejaria, parte mais célebre da produção de Athos Bulcão (1918-2008), surge tolhida entre galerias sinuosas do Centro Cultural Banco do Brasil de SP, como se estivesse nos corredores do Congresso Nacional. No entanto, a curadoria de Marília Panitz e André Severo para "100 Anos de Athos Bulcão" reverte essa asfixia ao contextualizar interlocuções entre arte, arquitetura e vida.

Mais do que a presença concreta em grande escala, que requer horizontes largos para se misturar ao entorno, são fotos de instituições, croquis e textos que refletem o espírito de Athos. Há a dimensão democrática e de jogo artístico, uma vez que pedreiros eram instruídos a assentar os azulejos de forma aleatória, "tudo invertido".

Se a associação com Oscar Niemeyer é imediata, a exposição apresenta com generosidade faces menos conhecidas. São mais de 300 trabalhos, realizados entre 1940 e 2005. Athos foi aprendiz de Candido Portinari e destilou visão moderna, que bebeu no concretismo e surrealismo, em inúmeras vias, de fotomontagens a desenhos, de objetos como máscaras e figurinos a pinturas e desenhos de teor místico e celebratório.

Nessas obras, a atenção ao movimento, a cores e padronagens segue evidente, mas em pontos baixos mostra-se derivativa, redundante, assim como a seção de contemporâneos influenciados por Athos. A mostra, que passou por Brasília e Belo Horizonte, segue para o Rio em 7 de novembro. (BYS) ■



VICENTE DE MELLO/DIVULGAÇÃO

Painel para Min. das Relações Exteriores